



Mulher e imprensa: o jornal A Esperança (1903-1909) ¹

Roscele Ribeiro de MELO ²

Geórgia Hackradt RÊGO ³

Vinícius D'Luca Fernandes ROSADO ⁴

Isabel Cristine Machado de CARVALHO ⁵

Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O presente documentário surgiu como parte de um projeto da disciplina História do Jornalismo. Teve como objetivo estudar os primeiros jornais e revistas que circularam no estado do Rio Grande do Norte entre 1832 e 1950. Dentre esses periódicos, produzimos um produto audiovisual sobre o jornal A Esperança que circulou entre 1903 e 1909. O jornal era manuscrito, circulou no município de Ceará-Mirim e era escrito e produzido por mulheres. Dentre elas, as jovens intelectuais Dolores Cavalcanti e Izaura Carrilho O contexto social em que o manuscrito se desenvolveu foi um dos principais focos de pesquisa. O documentário visa o estudo e a reconstituição do ingresso da mulher na imprensa potiguar e brasileira, além de valorizar a cultura e história local.

PALAVRAS-CHAVE: manuscrito; A Esperança; jornalismo; documentário; mulheres jornalistas.

INTRODUÇÃO

O cinema não é só um espaço de lazer procurado por muitos, principalmente nos finais de semana. O cinema vai mais além de um rele espaço físico. É na sala escura com uma enorme tela, onde vemos a arte de fazer filmes e suas diferentes ideologias.

Com tendências e gêneros variados, o mundo do cinema pode ser visto com imensa amplitude. As tendências podem variar de documental à ficcional, por exemplo. O documental tem um compromisso com a realidade, enquanto o ficcional não tem barreiras quando a questão é criação.

1 Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo (avulso).

2 Aluna líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo, email: roscelelo@yahoo.com.br.

3 Estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo, email: georgia_rego@hotmail.com.

4 Estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo, email: abulhu@hotmail.com.

5 Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: isabelcristine@unp.br.



O documentário retrata exatamente o que o olho humano ver. Até mesmo o documentário que tem a função de retratar o real, acaba variando de pessoa para pessoa. Afinal, a verdade de cada um é única sobre determinado assunto.

O documentarista acaba doando, à película, sua percepção única sobre um fato real. E usando toda sua criatividade, irá abordar uma realidade que captou intencionalmente ou espontaneamente.

O vídeo documentário em questão trata de contar um pouco da trajetória do jornal ‘A Esperança’ (1903-1909). Em 1903, as jovens intelectuais Dolores Cavalcanti e Izaura Carrilho implantavam a imprensa feminina no Estado do Rio Grande do Norte. Quando começaram a produzir a chamada ‘folha de notícias’, as jovens não tinham consciência do marco histórico que estavam construindo no jornalismo feminino potiguar.

O vídeo documentário sobre o jornal ‘A Esperança’ mostra o cenário atual de onde o jornal era produzido, Ceará-Mirim, com algumas pinceladas do que era antigamente.

Como principal depoimento, contamos com a participação da pesquisadora Otêmia Porpino Gomes. Ela nos revelou um pouco da trajetória do jornal, bem como de suas redatoras, uma vez que sua dissertação de mestrado foi sobre o referido jornal. Sua pesquisa foi a base para a realização deste produto em vídeo.

2 OBJETIVO

O presente documentário surgiu como parte de um projeto da disciplina História do Jornalismo. O propósito do projeto era produzir um vídeo sobre os primeiros jornais e revistas que circularam no estado do Rio Grande do Norte entre 1832 e 1950. Dentre esses periódicos, ficamos responsáveis pela produção de um vídeo sobre o jornal ‘A Esperança’ que circulou no município de Ceará-Mirim, entre 1903 e 1909. Através das pesquisas realizadas sobre o manuscrito, optamos pela utilização de uma linguagem clara, direta e documental.

3 JUSTIFICATIVA

Quem são essas mulheres que atuaram na imprensa no início do século XX, apesar de todo um contexto desfavorável para que desenvolvessem tal prática? O que escreviam? Reconstituir os caminhos percorridos dessas mulheres no jornalismo local, desvelando suas ações que quase não aparecem na escrita historiográfica é de fundamental importância, uma



vez que evidenciamos pouquíssimas produções bibliográficas sobre a temática. Uma das contribuições na área é a dissertação intitulada ‘Imprensa feminina: o jornal A Esperança (1903-1909)’, apresentada pela profa. Otêmia Porpino Gomes, em 1999, que expõe o percurso deste jornal feminino, manuscrito que circulava durante a primeira década do século XX, em Ceará-Mirim, no RN. A justificativa apresentada por Gomes (1999) para escolha deste objeto de estudo se deu por considerá-lo um projeto de vanguarda, apesar de suas redatoras apresentá-lo com uma folha (que nem título merece) para ser lida somente pelas pessoas amigas.

Ao documentarmos em vídeo essa pesquisa, oportunidade essa ocorrida na disciplina História do Jornalismo, acreditamos que estamos oferecendo mais uma opção de registro, contribuindo para a história do jornalismo no Rio Grande do Norte.

O jornal A Esperança

Com um jornal, um grupo de moças (Adelle de Oliveira, Etelvina Antunes e Maria Carolina de Araújo Maciel) liderado pelas duas professoras escritoras (Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho, ambas editoras do jornal), assumia publicamente o compromisso de divulgar a produção literária feminina local. Circulava como um veículo noticioso e periódico, de tiragem mensal, contendo novidades, constituído de folhas soltas dobradas em forma de caderno.

As jovens professoras Izaura Carrilho e Dolores Cavalcanti ao produzir e fazer circular a folha de notícias A Esperança, talvez não tivessem consciência de que estivessem construindo um marco histórico do jornalismo feminino do RN, mas certamente estavam descobrindo uma forma agradável de expressão política e literária, anteriormente utilizada por outras mulheres em outras comunidades. (GOMES, 1999, p. 33).

A edição do Jornal ‘A Esperança’, em 1903, representa uma espécie de abre-alas para as produções de jornais femininos, manuscritos, que circulavam em 1909, na cidade de Caicó, a exemplo de ‘A Distração’, editado por Alzira Monteiro, Quininha Gurgel, e Maria Bezerra; ‘A infância’ produzido por Tudinha Nóbrega. Além desses títulos, Gomes (1999) nos apresenta o registro de lançamento de três jornais na cidade de Ceará-Mirim, que circulavam na primeira década do século passado, entre eles ‘O Sonho’, editado pela professora Adelle de Oliveira.



O espaço de atuação de Dolores Cavalcanti, Izaura Carrilho e das outras redatoras e colaboradoras, é o município de Ceará-Mirim. Ao configurar este espaço, a pesquisadora nos faz reconhecer a movimentação política e social daquela cidade interiorana.

Peço ao leitor que me entenda nessa viagem de volta e me acompanhe nesse deslumbrante interior. Não custará muito ir comigo a tantos lugares e paisagens e cenários; ver o rio descer em cheias diluviais: ouvir a voz do canavial, tangido por um sopro de poesia; entrar na matriz e orar a Nossa Senhora da Conceição; descer e subir pelas velhas ruas, onde há de cada um de nós um pouco; voltar à primeira escola, onde os meninos aprendiam cantando; contemplar um doce crepúsculo; ouvir no silêncio da noite uma flauta evocativa; ir ao cinema mudo onde as valsas nem sempre tinham o que ver com o filme; deixar-se estar diante duma velha casa, onde a alma de gente povoa de ilusões a solidão encantada; comprar rosário de castanhas na estação; acompanhar as procissões; escutar nas estradas o queixume quase bárbaro dos carros-de-bois; ver um engenho moer; ir à feira; ler no cemitério os nomes de quantos viveram para servir à terra; e tanta coisa mais, tanta coisa, que é um mundo todo, só aparentemente pequeno. (A ESPERANÇA, 25 mar. 1903, p. 1).

As produtoras do jornal ‘A Esperança’, sujeitas datadas e situadas em seu tempo e espaço, descrevem no jornal o dia a dia da cidade onde viviam e produziam o periódico. Trazemos como exemplo o texto intitulado ‘8 de dezembro’, de 23 de dezembro de 1904. Nele, a redatora descreve com riqueza de detalhes a solenidade em homenagem à Padroeira da Cidade Nossa Senhora da Conceição, revelando a religiosidade da população que compunha a sociedade local.

Dentre tantos aspectos representativos que configuram a cidade, podemos destacar o próprio lançamento de ‘A Esperança’, em 25 de março de 1903. “Um jornal feminino no seu sentido mais amplo, produzido por mulheres e destinados às mulheres, tratando de assuntos de interesse das próprias mulheres e revelando leitoras que trocavam experiências através dessas práticas de escrita” (p. 62).

No pacato interior, o jornal surgiu como intuito de criar mais uma forma de lazer para o público feminino local.

Impelidas por puros e santos sentimentos nos lembramos de escrever esta folha (que nem título de jornal merece) para ser lida somente pelas pessoas amigas. Não nos julgamos com capacidade de escrever artigos para serem lidos pelo público, esperamos que a generosidade dos nossos pacientes leitores desculpará todos os erros de redação e ortografia etc; que acharem na humilhíssima folha que começamos. Neste rico e ao mesmo tempo tão pobre Ceará-Mirim, nossa pátria adorada, não existe distração por este motivo procuramos esta tão inocente e lucrativa. Julgamos que nenhum título sentaria tanto como este a Esperança. Jamais



teremos a intenção de ofendermos a quem quer que seja na nossa ingênua folha que como já dissemos é apenas uma distração. Não encontrarão artigos elevados, apenas toscas frases e sem mérito, mas que são sinceras. Desejamos pois agradar aos que se dignarem ler esta folha pobre de inteligência mas rica de vontade. (A ESPERANÇA, 25 jan. 1907, p. 1).

As redatoras apresentavam a folha com o dizer: “que nem título de jornal merece, para ser lida apenas pelas pessoas amigas”. A princípio as redatoras não tiveram coragem de chamá-lo de jornal, talvez por não usarem ferramentas da imprensa tipográfica. Ainda salientavam com extrema humildade que as pessoas não iriam encontrar textos rebuscados na folha, mas apenas “frases toscas”. Encaravam o jornalismo como uma “distração inocente e lucrativa”.

Sobre a relação produtoras-leitoras, a pesquisadora ressalta a participação coletiva na produção do jornal, efetivada pelas cartas dos leitores. As mensagens eram recebidas de forma avulsa ou através de seções criadas para estabelecer o diálogo. Foram criadas as seções: ‘Carta a uma amiga’, ‘Colaboradores’ e ‘Carta aberta’. “Com as cartas à redação as jovens letradas de Ceará-Mirim aproximavam-se do jornal, não apenas para elogiar e dar incentivo às produtoras, mas também para oferecer suas contribuições, passando à condição de leitora-produtora”. (GOMES, 1999, p. 97).

Traçando um perfil do jornal ‘A Esperança’, nos deparamos com uma linguagem suave e amena. As redatoras expressam seus pensamentos e sentimentos de forma tímida e singela, conforme o texto de apresentação do jornal, assinado sob o pseudônimo de Honorina.

Estariam elas lançando mão de táticas como forma de romper com os limites impostos à participação social das mulheres? Esta é pergunta que Gomes (1999) nos faz em seu trabalho.

Assim como a revista ‘Via-Láctea’ — primeira revista feminina que circulou em Natal, em 1914 e 1915 — o jornal passa por uma crise inicial por falta de matérias para publicação. O mesmo deixou de circular no mês de julho de 1905, reaparecendo em 30 de agosto do mesmo ano. Na matéria ‘Pela esperança’ uma das redatoras justifica a interrupção das edições e renovam o compromisso de continuarem com a produção do informativo.

O jornal ‘A Esperança’, além de textos informativos que estão manuscritos na primeira página, publicava notas sociais avulsas e assinada pela pessoa que enviava a mensagem de saudação. Durante os anos de 1904 e o ano seguinte, 1905, as saudações foram substituídas por poucas notas sociais que intitulavam ‘Notícia’, para divulgar e



registrar os aniversários, casamentos, batizados, noivados, viagens, primeira comunhão e outros acontecimentos sociais.

Apesar de ser artesanal, ‘A Esperança’ apresentava um simples esboço de um projeto editorial e gráfico durante o período de circulação. Apresentava uma folha de notícias manuscrita, em papel pautado, com quatro páginas divididas em duas colunas, sem um expediente para identificação da equipe produtora e seções permanentes e não permanentes, matérias assinadas, na maioria com pseudônimos. Não utilizavam ilustrações, porém usavam vinhetas para dividir as colunas e delimitar diferentes matérias. A estrutura gráfica era formada por um cabeçalho, formado pelo título A Esperança; no canto direito da página, na mesma linha, o número da edição, embaixo, os nomes das redatoras Izaura Carrilho e Dolores Cavalcanti; na outra linha, o local, data. Durante o período de circulação, o jornal teve poucos avanços no aspecto gráfico.

Em 21 de novembro de 1909, de acordo com Gomes (1999), as editoras demonstram maturidade ao incluir em suas matérias temas mais concretos como educação, trabalho, e o papel da mulher na sociedade.

Ao todo foram 54 exemplares. De acordo com a coleção pesquisada, nem sempre foi possível manter a periodicidade mensal verificada pela falta de alguns exemplares, às vezes justificada em matérias da edição seguinte, deixando a impressão de descontinuidade nas edições. “Por ser um informativo pioneiro torna-se um projeto relevante, pelo seu caráter precursor de uma imprensa feminina que estava se esboçando e pelo interesse de mulheres em experimentar o novo meio de informação social”.(GOMES, 1999, p. 108).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Por se tratar de um jornal datado de 1903 o trabalho de reconstituição foi o primeiro a ser realizado. Foi necessária uma pesquisa acerca da época em que o manuscrito foi criado. Estudos sobre a imprensa brasileira ajudaram a nortear o grupo sobre o parâmetro do jornalismo da época.

Uma das principais obras utilizadas de referência teórica foi a dissertação da professora Otêmia Porpino Gomes que teve como objeto de estudo o jornal ‘A Esperança’. A pesquisa realizada pela referida professora foi essencial para a construção deste produto audiovisual.



Quando abordada a questão da participação feminina no estado do Rio Grande do Norte, no início de século XX, o jornal ‘A Esperança’ mostrou-se único: primeiro pela coragem e ousadia dessas mulheres em adentrar no espaço público, depois pelo fato de ter sido produzido no interior do estado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário ‘A Esperança’ consiste em um vídeo de cinco minutos. A metodologia de trabalho iniciou-se com o resgate de conteúdos teóricos, retirados de estudos científicos e de livros sobre a imprensa local e brasileira. Os referenciais teóricos serviram como norteadores ao longo da pesquisa. O depoimento da professora Otêmia Porpino Gomes foi essencial para a construção do material audiovisual.

O primeiro e único depoimento, com a professora Otêmia Porpino Gomes, acontece já nos primeiros minutos do documentário. Essa entrevista foi fundamental, já que a pesquisadora é uma das únicas vozes encontradas que ainda pesquisa sobre o jornal ‘A Esperança’. No decorrer do vídeo, a professora aparece diversas vezes. Ela ajudou a contar a história do manuscrito. Seu depoimento, que foi dividido em partes, situa o telespectador sobre o contexto social em que a população do interior potiguar vivia na época do manuscrito.

As fotos da cidade aparecem no decorrer do vídeo para mostrar como a cidade ainda conserva costumes nos dias de hoje. As imagens também são mostradas para situar o telespectador de como é e foi a cidade. As fotos que se tratam do manuscrito, em algumas cenas, são justificadas com os depoimentos de Otêmia Porpino. A professora reforça o pioneirismo do manuscrito no estado potiguar, por ter sido destinado e produzido por mulheres.

A igreja em que o padre, principal incentivador do jornal, celebrava suas missas é mostrada no vídeo. O outro motivo de mostrar a igreja é também para apresentar um aspecto social da época. Afinal, a igreja era um ponto de encontro naquela época de jovens e pessoas mais velhas, inclusive as redatoras do jornal. O encontro com amigas na igreja poderia resultar em algumas homenagens no jornal, já que o manuscrito também funcionava como uma espécie de coluna social.

O documentário ‘A Esperança’ foi realizado para mostrar toda a sensibilidade que as redatoras e colaboradoras usavam para produzir o jornal. Desde o modo como ‘fabricavam’ cuidadosamente o manuscrito ao que escreviam com tanta sinceridade e humildade.



Reproduz, ainda, o local onde foi criado o jornal através da iniciativa de Dolores Cavalcanti e Izaura Carrilho.

6 CONSIDERAÇÕES

O documentário nos mostrou o quanto é necessário a reconstituição da cultura local. Não só para ser reproduzido em forma de arte, como no documentário sobre o manuscrito. Mas para valorizar os feitos culturais realizados pela sociedade do passado.

A disciplina História do Jornalismo, para que o projeto foi realizado, alicerçou a pesquisa durante todo o tempo de estudo. As principais metas foram alcançadas, além da prática que foi adquirida com o documentário.

O documentário poderá servir como base de estudo para outros alunos de Comunicação. As gerações futuras poderão ter como base este trabalho que acreditamos contribuir para a história do jornalismo norte-rio-grandense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Esperança. Ceará-Mirim, 25 jan. 1907. p.1.

_____. Ceará-Mirim, 25 mar. 1903. p.1.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina.** São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa feminina: o jornal A Esperança (1903-1909).** Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas – UFRN. Natal, 1999.

8 de dezembro. **A Esperança.** Ceará-Mirim, 23 dez. 1904. p.1.